



ORQUESTRA
SINFÓNICA
MUNICIPAL

CORO
LÍRICO
MUNICIPAL

MARÍA DE BUENOS AIRES

DE ASTOR
PIAZZOLLA





DURAÇÃO
APROXIMADA
85 MINUTOS

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA
16 ANOS

INGRESSOS
R\$20 - 100

**MINISTÉRIO DO TURISMO, PREFEITURA DE SÃO PAULO,
ATRAVÉS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA,
FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL E SUSTENIDOS APRESENTAM**

MARÍA DE BUENOS AIRES DE ASTOR PIAZZOLLA

10 SEXTA 19H
11 / 12 SÁBADO / DOMINGO 17H
15 / 16 / 17 QUARTA / QUINTA / SEXTA 19H
18 / 19 SÁBADO / DOMINGO 17H
SETEMBRO 2021

INFORMAÇÕES E INGRESSOS
THEATROMUNICIPAL.ORG.BR

ACOMPANHE EM NOSSAS MÍDIAS SOCIAIS:

Theatro Municipal

 @theatromunicipalsp

 @theatromunicipal

 @municipalsp

 /theatromunicipalsp

Praça das Artes

 @pracadasartes

 @pracadasartes

OUÇA O **PODCAST DO THEATRO MUNICIPAL**.
DISPONÍVEL NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS.

 **deezer**  **Spotify**  **Apple Podcasts**

 **Google Podcasts**



Para um espetáculo seguro, confira o manual do espectador, disponível em:
<http://theatromunicipal.org.br/pt-br/manualdoespectador/>

O **Theatro Municipal de São Paulo** conta com você para aperfeiçoar suas atividades.

Envie suas sugestões pelos e-mails:
escuta@theatromunicipal.org.br e **ouvidoriaftm@prefeitura.sp.gov.br**

Programação sujeita a alteração.

SINTA-SE
À VONTADE.
NA NOSSA
CASA OU NA SUA,
O THEATRO
MUNICIPAL
É SEU.

apoio:  **Consulado General y Centro de Promoción de la
República Argentina**
San Paulo - República Federativa del Brasil

realização: **#SUSTENIDOS**

 **FUNDAÇÃO
THEATRO
MUNICIPAL**



UMA ÓPERA TRANSGRESSORA

LIBRETO ORIGINAL HORACIO FERRER

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL
CORO LÍRICO MUNICIPAL

Roberto Minczuk, direção musical e regência
Kiko Goifman, concepção e direção geral
Ronaldo Zero, direção cênica

Catalina Cuervo, Maria
Gustavo Feulien, cantor
Rodrigo Lopez, Duende

Alessandro Sangiorgi, regência (dias 15, 16 e 17)

Betania Santos, Dannyele Cavalcante, Elaine Bortolanza
e Lua Negra, parceria DASPU
Grécia Catarina, Uátilla Coutinho e Yasser Alejandro,
bailarinos do Balé da Cidade de São Paulo
Wallace Kyoskys e Robson Cruz, skyrunners

Luiza Thesin, produção executiva e direção de produção
do filme-cenário
Caetano Brenga, direção de imagens
Mariane Nunes, direção de fotografia e câmera
Ligia Chaim, design de luz
Adriana Vaz, produção de figurino (peças do acervo do
Theatro Municipal e da DASPU)
Tiça Camargo, visagismo

Editora: Faber Music



MANUAL DO ESPECTADOR

Cuidado coletivo para um espetáculo seguro: confira abaixo as regras para a retomada. A colaboração consciente de todos é essencial!

USO DE MÁSCARAS

O uso de máscara PFF2/N95 (preferencialmente) ou cirúrgica, assim como o uso correto (cobrindo a boca e o nariz), é obrigatório durante todo o espetáculo. Não será permitida a entrada de pessoas sem máscaras. Não será permitido o consumo de alimentos durante os concertos e as visitas educativas.

CAPACIDADE REDUZIDA E ASSENTOS DISPONÍVEIS

Para acomodar o público, respeitando as regras de distanciamento social, a capacidade da sala de espetáculos foi reduzida, os assentos são definidos previamente e não é permitido trocar de lugar antes ou durante a apresentação.

DISTANCIAMENTO SOCIAL

Mantenha sempre 1,5m de distância das outras pessoas.

MEDIÇÃO DE TEMPERATURA

Todos devem ter sua temperatura medida (ela será aferida por um de nossos orientadores de público) e a entrada só será permitida se a temperatura estiver abaixo dos 37,5 graus. A regra vale para todos – público, artistas e funcionários – e é indispensável.

HIGIENE

Mantenha sempre as mãos limpas; distribuímos totens de álcool em gel por todo o ambiente e os banheiros são higienizados com frequência.

DURAÇÃO E INTERVALO

Os espetáculos são programados para ser mais curtos e sem intervalos.

Agradecemos por respeitar as orientações e, em caso de dúvidas, consulte o Manual do Espectador completo ou acione um de nossos orientadores de público.

<http://theatromunicipal.org.br/pt-br/manualdoespectador/>

BEM-VINDOS À ÓPERA,

Sejam bem-vindas e bem-vindos ao Theatro Municipal de São Paulo.

Abaixo algumas informações para aproveitar da melhor forma esta experiência única.

FOTOS E VÍDEOS

Lembramos que não estão autorizadas gravações, fotos e filmagens durante a apresentação sem prévio consentimento. Fotos dentro da sala são permitidas somente antes e depois do espetáculo ou nos intervalos. No hall de entrada e nas escadarias do Theatro, as fotos também estão liberadas. Aproveite e publique marcando @theatromunicipal.

CONVERSAS

Conversas e comentários, ainda que sussurrados, incomodam muito os outros espectadores. Espere o intervalo para compartilhar suas impressões.

CADEIRAS

Nossas belas e icônicas cadeiras passam regularmente por manutenção. No entanto, se alguma delas ranger, tenha paciência e procure fazer o mínimo de barulho. Apesar de terem presenciado centenas de óperas, elas não chegaram a ser afinadas.

APLAUSOS

Se você gostou muito da interpretação de uma ária, não há necessidade de aplausos a cada trecho cantado ou tocado da ópera. No final dos atos e do espetáculo, você pode se manifestar à vontade.

ALIMENTOS

Não é permitida a entrada com comidas e bebidas no interior da sala de espetáculos. Pedimos especial atenção aos papéis de bala, que podem fazer um barulho e tanto. No térreo e no segundo andar, há cafés que ficam abertos antes do início da ópera e nos intervalos.

CRIANÇAS

É sempre uma alegria ver crianças em nossa casa centenária! Pedimos especial atenção aos pais e responsáveis, pois, além da duração, as óperas abordam diferentes temas, alguns dos quais podem não ser apropriados para crianças menores.



ANDREA
CARUSO
SATURNINO

ROBERTO
MINCZUK

13

14

KIKO
GOIFMAN

INVOCACÃO
DA ALMA DE
UMA CIDADE
Roberto Gambini

SINOPSE

15

19

27

LIBRETO,
ORIGINAL
E TRADUÇÃO

BIOGRAFIAS

FICHA TÉCNICA

34

35

49



Depois de um longo período de suspensão, em decorrência da pandemia que nos assolou, voltamos a apresentar ópera!

No centenário do célebre compositor argentino Astor Piazzolla, *María de Buenos Aires retorna ao palco do Theatro Municipal de São Paulo*, na Temporada “Liberdades Reinventadas”, após exatos 32 anos de sua apresentação em 1989. No espetáculo, a Orquestra Sinfônica Municipal, o Coro Lírico, os cantores Catalina Cuervo e Gustavo Feulien, e o narrador Rodrigo Lopez apresentam-se sob a concepção e direção geral do cineasta Kiko Goifman, direção musical do maestro Roberto Minczuk e regência de Minczuk e Alessandro Sangiorgi.

María de Buenos Aires é uma ópera-tango, ou “operita”, como definiu Piazzolla, com libreto do escritor uruguaio Horacio Ferrer narrando, numa complexa mistura entre música e poesia, a trajetória de vida de María - uma prostituta do subúrbio das noites de Buenos Aires. Nesta montagem, Goifman traz para o palco o cinema ao vivo, mesclando imagens e unindo diferentes linguagens artísticas à atmosfera portenha e brasileira. O elenco conta ainda com a bandoneonista argentina Milagros Caliva, bailarinos do Balé da Cidade de São Paulo, skyridders e prostitutas integrantes da DASPU, grife da ONG Davida.

O Theatro completa 110 anos, ainda com a plateia reduzida em função dos protocolos sanitários, mas reafirmando sua vocação para a ópera, para as inovações de linguagens e, sobretudo, para comemorar o encontro com o público. A programação de aniversário inclui a instalação expositiva *Fantasmagoria Theatro Municipal de São Paulo*, com direção de Daniela Thomas e Felipe Hirsch e participação dos seis Corpos Artísticos da casa: Orquestra Sinfônica Municipal, Coro Lírico, Coral Paulistano, Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, Balé da Cidade de São Paulo e Orquestra Experimental de Repertório.

Nos arredores do Theatro, catadores de lixo reciclável irão circular com *Carroças Líricas* levando ópera pelas ruas da cidade e compartilhando imagens de montagens incônicas, no cair da noite, em muros da redondeza. Em regiões mais afastadas do centro da cidade, trechos de óperas serão projetados em grande escala, em alusão ao cinema ao ar livre, a começar pelo CEU Jambeiro, no dia 12 de setembro. Assim, diferentes públicos são convidados a participar desse importante momento do Theatro, enquanto nos preparamos para retomar as circulações dos espetáculos pelos teatros da cidade.

Acompanhem a programação completa em nosso site e redes sociais. Tenham um ótimo espetáculo!

Andrea Caruso Saturnino

Diretora Geral

Complexo Theatro Municipal de São Paulo

A música de *María de Buenos Aires* é apaixonante, inusitada e fora do padrão – mesmo olhando para o repertório de Astor Piazzolla. A peça se destaca de outras obras do compositor, não apenas por ser a sua única neste gênero, mas por explorar uma instrumentação peculiar, evidentemente com o uso do bandoneon, mas também da guitarra elétrica e diversas percussões jazzísticas, como a bateria, o vibrafone e os bongos, algo incomum em composições operísticas e no próprio trabalho de Piazzolla.

É impossível não destacar que ela carrega o charme e a força do *tango nuevo*, consolidado por Piazzolla – uma pegada rítmica vigorosa com harmonias e melodias exuberantes e exacerbadas que ganham novas proporções e atraem a atenção do ouvinte. A construção musical dá destaque ao bandoneon, ao piano e ao violino mas, por ter sido escrita para um número reduzido de músicos – são apenas 11 no palco –, todos os virtuosos da Orquestra Sinfônica Municipal ganham vida durante a execução da obra. Como toda boa ópera, a voz é o instrumento que permeia a ação e aparece potente e marcante com dois solistas, narrador e cantores do nosso incrível Coro Lírico.

Sobre o enredo, é importante ressaltar que, ao invés de focar somente na personagem principal, a ópera dá protagonismo ao narrador e às diferentes construções que acompanham o tema central. Nesta montagem, a direção cênica explora elementos intrigantes e atuais, trazendo a percepção de uma história que poderia acontecer em qualquer grande cidade da atualidade. Estamos muito felizes por apresentar ao público do Theatro Municipal a *María de Buenos Aires* nos 100 anos de seu criador.

Roberto Minczuk

Direção musical
e regência

Maestro Titular da
Orquestra Sinfônica
Municipal

Como foi receber o convite para dirigir a ópera?

De alguma forma, para mim foi uma surpresa o convite. Eu sou uma pessoa da área do cinema, não sou da área da ópera. Topei, achei incrível essa possibilidade! Fiquei encantado com a ideia de dirigir uma ópera, mas, inicialmente, não estava entendendo exatamente o meu lugar. Conforme fui me aproximando, fiquei cada vez mais feliz de ter sido escolhido, não só pelos 100 anos do Piazzolla e os 110 anos do Teatro Municipal, mas também porque tem uma questão muito interessante e importante nessa ópera, que tem tudo a ver com o meu trabalho: tratar das criaturas da noite. A ópera já começa à meia-noite, isso tem tudo a ver comigo!

“Meia-noite portenha.

O Duende, espírito da noite portenha, evoca a imagem e invoca a voz de María de Buenos Aires.”

A María é uma prostituta que vivia nas noites de Buenos Aires, uma figura da noite. Quando percebi isso, me dei conta do quanto essa narrativa tem super a ver com o meu trabalho, eu senti o encontro. Meus filmes abordam temas tabus e marginais, desde 33, que trata da minha adoção, até *Bixa Travesti*. Estou sempre transitando de alguma forma em temas que não são exatamente “queridinhos” da mídia tradicional. Então, temos aí um forte ponto de contato.

Como você deu a sua cara para a ópera?

Nada mais natural do que trabalhar com imagens para alguém que vem do cinema como eu, por isso posso dizer que a ópera namora o cinema. Trabalhei com projeções, as cenas noturnas de metrópoles como a portenha, as imagens metafóricas que remetem à embriaguez. Existem personagens e situações que só estão presentes nas imagens projetadas e essa escolha, além de um caminho de linguagem, também leva em conta o fato de ser uma ópera feita em meio à pandemia. Somado a isso, optei por trazer também o recorte imagético ao vivo, com a minha presença e das câmeras, fazendo o registro e a projeção de momentos da montagem.

Além dessas escolhas de linguagem, existe a forma com que transpassei a temática para os dias atuais. É possível imaginar que María poderia habitar outras cidades da América Latina e, diante desse conceito, o que me pareceu familiar foi chamar minhas parceiras de trabalho da DASPU. Foi algo muito natural, não só pela relação de trabalho e pessoal que tenho com elas, mas também pelo fato de que elas trabalham em teatro e performance com críticas

políticas e sociais, com uma radicalidade que quis trazer para o palco. Para mim, ao trabalhar com uma ópera nesse momento, se torna fundamental abordar questões essenciais para o hoje.

Como está sendo a experiência de trabalhar nessa linguagem, junto com os corpos artísticos e maestros do Municipal junto com os demais grupos?

Com certeza dirigir essa ópera é um dos maiores desafios da minha vida. A característica dessa linguagem ser múltipla, essa convivência com diferentes expressões artísticas é algo muito rico. Como eu venho do cinema, o trabalho coletivo, o processo criativo coletivo, já faz parte da minha experiência profissional. Cinema é partilha, é pensar junto, é essencialmente uma experiência entre pessoas e a ópera radicaliza isso, chega a ser uma experiência entre grupos de pessoas – da dança, da orquestra, da iluminação, do figurino etc. Nunca é uma pessoa só. Essa escala que a ópera dá ao coletivo está sendo um prazer para mim. Eu gosto de gente, eu gosto de trabalhar com pessoas e com pessoas criativas, essa é a melhor experiência que eu estou tendo, desde a equipe de produção à gama de artistas. Está sendo uma delícia esse processo, além de um aprendizado, existem áreas da ópera que eu não domino, por exemplo, mas eu me sinto completamente seguro contando com os profissionais que estão por perto.

Como foi produzir durante o período de pandemia? Como esse momento influenciou nas escolhas criativas?

Desde que recebi o convite, a gente já imaginava trabalhar com cinema, é a minha praia. Eu acho que eu não me sentiria à vontade de abandonar completamente o cinema e, por exemplo, mergulhar em uma ópera cujo ponto principal fosse a dimensão do teatro ou da dança. É claro que isso tudo está presente, que a ópera contempla isso tudo, mas a potência do cinema está na essência desse trabalho.

Um lado que é interessante, quando pensamos em termos da pandemia, é que muitas pessoas, muitos elementos, aparecerão na tela, até mesmo imagens de arquivo, de momentos em que nem se usava máscara. A tela propicia que a gente possa ter personagens em cena sem precisar ter o contato físico, que no momento não é recomendado. É claro que criar dentro da pandemia é muito mais difícil. A gente segue uma série de protocolos e tem uma diminuição de pessoas no palco, mas eu acho que a arte se faz assim e eu tenho certeza que não vamos precisar usar isso como desculpa. O palco estará preenchido afetivamente e esteticamente!





INVOCAÇÃO DA ALMA DE UMA CIDADE

MARÍA DE BUENOS AIRES

Soa a meia-noite em Buenos Aires. Um poeta vai beber no seu botequim de costume. À medida em que se embriaga e a noite avança, começa a se lembrar que antigamente havia uma alma em Buenos Aires, havia uma música, havia uma personagem que a representava. Ele ouvira no passado falarem de uma tal de María, reles mulher da rua, de vida fora dos padrões estabelecidos. Contavam-se outrora histórias sobre ela. Quanto mais enche o copo, mais ativada fica sua imaginação poética, passando então ele a narrar o que rememora e ficcionaliza a respeito dessa mulher na expressiva linguagem do lunfardo, sempre acompanhado pelo costureiro bandoneon. A história começa e vai ser toda cantada e não encenada. Essa é sua estrutura dramática e a que de fato convém quando se fala de alma.

O poeta – ou Duende, como é denominado – invocará a alma da cidade pedindo que se manifeste, como numa sessão de mediunidade que propicie a aparição de uma entidade. Em suas palavras,

Agora que chegou a hora e que um rumor de erva-moura atravessa a noite em seu silêncio, por um poro deste asfalto tenho que invocar sua voz... Agora que chegou a hora.

E insiste ele:

*E assim, desde a intimidade
extramuros do adeus, atravessando as fronteiras
simples da morte, trarei seu canto obscuro.
Terá a idade de Deus e duas antigas feridas: um ódio à direita;
e, à esquerda, uma ternura.*

María responde a essa invocação proferida ao estilo de um ritual de missa negra. Sua voz surge junto à evocação de sua memória. O clima trazido pelo bandoneon não é o da rua, nem o do botequim, mas o de uma zona de mistério, de morte, de treva, de tudo o que é obscuro e subterrâneo. É na dimensão sombria do real que o poeta irá buscar a alma perdida da cidade e a poesia será o fio condutor desse resgate. A alma surgirá, nos diz ele, atravessando as rachaduras do asfalto. Mas quem comparece é apenas a voz rouca e esfumaçada de María, sua única possível reencarnação num tema de tango. Ela nos chega não pela visão de seu corpo, mas pela audição do que tem a dizer a respeito do submundo de onde vem, conforme nos revelam os delírios imaginativos do poeta. Sente-se apenas a fumaça de sua presença.

No quadro seguinte, o poeta descreve detalhes de sua recordação. Ele soube dela por ouvir falar, e agora seu imaginário dá forma a uma candente descrição de María e de seu contexto social de origem na periferia urbana. Em seguida, ocorre um dueto entre a voz dela e a dos homens que também voltaram das névoas do mistério. Uma descrição visual e metafórica de María é, sem dúvida, um enorme desafio criativo para o encenador desta obra.

O poeta nos conta que ela nasceu naquela dimensão situada muito além do bairro, num dia em que estava embriagado Deus. Nascia já com uma voz machucada por três pregos tortos. Nascia com um insulto na voz. E prossegue ele:

*De areia e de frio fizeram seus dias, tão duros! E, atrás do rio,
lá onde o rio encontra o nada, com uma pergunta bordada na
saia, a Pequena María cresceu em sete dias.*

Observemos as polaridades que atravessam o libreto como um todo. María não foi uma mulher ferida e desamparada a ficar se lamentando, mas uma força da natureza a retribuir maldições com impropérios. Na descrição que dela faz o poeta, essa figura singular vai aos poucos assumindo vida anímica, em nada angelical, mas sim fruto de um embate entre atributos opostos, aparentemente incompatíveis num ser humano, e que vão do sórdido ao lírico:

Triste María de Buenos Aires...

*Você é o esquecimento
entre todas as mulheres.*

Tem lugar, então, o desenvolvimento de um subentendido paralelismo inverso entre as imagens de María de Buenos Aires e da Virgem Maria. A hora desta, 6 da tarde, é anunciada pelo repicar dos sinos das igrejas que conclamam fiéis para a recitação melódica das vésperas. A hora da sombra da María é meia-noite e sua litania é o tango tocado por um organito louco, no dizer do poeta. A Virgem Maria só traz o bem e intermedia este mundo e o dos céus, ao passo que María traz maus presságios e conecta este com o submundo. Sua cruz é o tango, ela é a triste María de Buenos Aires.

A evocação desse arquétipo do feminino ultrajado resulta de um violento choque de opostos e brota como erva daninha do lugar mais desprezível, de onde pensamos que não pode nascer nada. É de lá que vem María. O lugar de ocultamento e refúgio da alma renegada não se encontra entre as flores. É da vida desprezada e da cultura dos pobres imigrantes do arrabalde que ela emana.

Seus atributos formam pares dos mais impensáveis. Mesmo assim María vingará, viverá e criará todo um patrimônio de sensibilidade, que será posteriormente perdido em razão do processo histórico de urbanização capitalista predadora.

Conjurada a imagem de María, que atendeu ao chamado sob a forma de voz, passa então o poeta a desfiar o enredo de sua vida. Certa vez, um moço romântico chamado Pardal Portenho com Sono disse que a jovem María havia sido magnetizada por forças que, lamenta ele, a afastaram de si e de seu sonho de possuí-la. Ele conta como ela se foi das cercanias em que viviam, como se o tivesse rejeitado, quando na verdade María não podia ser posse de homem nenhum. Como uma maldição, esse moço proclama que ela sempre ouvirá sua voz desesperada chamando-a através da voz de todos os homens. E María contesta:

*Pardal Portenho com Sono,
você nunca me alcançará.
Sou a rosa de um "não te amo"
e você nunca me alcançará.*

Assim como pressagiara o jovem sonhador, María deixa seu bairro e atravessa a cidade, silenciosa e alucinada, em busca da noite. Vituperada pelo bandoneon como nas antigas lendas do tango, ela conta sua conversão à vida obscura, descendo aos esgotos como a alma penada que se tornou. Ela é, então, condenada a vagar pelo inferno da cidade sem poder mais encarnar em seu pristino corpo físico. Os ladrões e as cafetinas proclamam que seu coração morreu, e o poeta relata, com os cotovelos abertos sobre o balcão do botequim, como foi realizado seu funeral pelas criaturas da madrugada. O que resta de María é uma rosa que carrega o mal do mundo, casulo que envolve seu corpo dissipado. María transubstanciou-se e resumiu-se a uma rosa canalha de esgoto.

Em sua perambulação, ela acaba chegando ao circo dos psicanalistas, onde estes entregam-se ao malabarismo mental de obter dela a narração de um sonho que não teve, único meio que eles conhecem para poder afinal compreendê-la, falhando, porém, já de partida.

Perdido seu rastro, pela segunda vez o poeta invoca sua aparição e lhe envia uma mensagem, como numa anúnciação pagã, a de que descubra o mistério da concepção. Os outros fregueses desse bar surreal recebem a missão de sair pelas ruas em busca do germe capaz de engendrar um filho na Sombra María. Para nós, que a essa via crucis estamos assistindo, fica claro que o agente fertilizador da alma é a própria poesia que em seus delírios vem o poeta produzindo. Somente a poesia é capaz de promover a reencarnação da alma perdida de Buenos Aires, ou de outra cidade qualquer de nossa América.

María fica grávida. Assim, *María de Buenos Aires*, a operita como dizia Piazzolla, é também um auto de Natal. O auto de Natal convencional termina com o nascimento do Menino na manjedoura. No cristianismo, é através do Espírito Santo que acontece a gravidez de María, que, no entanto, permanece virgem. O espectro de nossa María grávida também continua virgem nesse avesso do evangelho.

Amanhece um domingo portenho. Na realidade de sua imaginação, o poeta nota um movimento estranho no alto de um edifício no centro da cidade. A Sombra María deu à luz, não a um Menino Jesus, mas a outra María Menina. E fica, diz ele, a eterna pergunta: a alma foi finalmente redimida ou seguirá outra vez vagando pela noite através dos tempos?

Roberto Gambini

Analista junguiano









SINOPSE

Ao regressar à Argentina em meados dos anos 1950, depois de uma temporada de estudos em Paris, Astor Piazzolla estava decidido a voltar ao tango e renová-lo, pois o considerava um gênero em decadência. Prisioneiro de lugares-comuns como o sentimentalismo e a virilidade kitsch, o tango continuava se alimentando da realidade da Buenos Aires de seus primeiros tempos, na virada do século XIX ao XX, em absoluto descompasso com a modernização acelerada que a cidade experimentava.

Composta entre o fim de 1967 e os primeiros meses do ano seguinte, *María de Buenos Aires* faz parte desse esforço de reelaboração estética que provocou enorme controvérsia à época e se arrastou por muitos anos. Introduzindo elementos do jazz e da música de concerto, outros ritmos e outras harmonias, Piazzolla tentava definir uma maneira original de sentir a nova pulsação de uma cidade que se transformava com a chegada de elementos culturais estrangeiros, do teatro de Sartre, Beckett e Ionesco ao cinema de Bergman e à *nouvelle vague*, passando pela pop art, o rock e o boom da psicanálise, entre uma infinidade de outros.

A obra de Piazzolla e Ferrer encena a morte do velho tango – que estava reduzido a um clichê de si mesmo – para dar lugar ao nascimento do *tango nuevo*. E o faz pela morte e ressurreição de María, figura que também abarca todas as mulheres e que, ao mesmo tempo, funciona como símbolo da cidade e metáfora do tango. O libreto de Ferrer – que o próprio autor definiu ter escrito não para ser entendido, mas para criar uma emoção e uma atmosfera poética, e que para tanto inclui personagens extravagantes, elementos oníricos, grotescos e fantasmagóricos, metáforas arriscadas, aspectos próximos de uma sensibilidade surrealista – identifica o nascimento do tango à vida de María, o declínio do gênero à morte da personagem e à errância de sua alma, e a ressurreição do tango ao nascimento de uma nova María como resultado da união de sua sombra com um espírito, o Duende, que também exerce a função de narrador.

A primeira parte da história de María – até sua morte – se inspira em um arquétipo do tango clássico, a figura de Milonguita, citada no quadro 7, jovem pobre do subúrbio que é atraída pelo glamour dos cabarés do centro da cidade. Ali ela se prostitui e acaba morrendo de tuberculose, sozinha. A principal diferença entre ambas é que María é objeto da compaixão dos personagens, enquanto Milonguita é considerada culpada por sua situação. Este dado já indica um importante deslocamento em relação ao modelo tradicional.

A segunda parte – que contempla a ressurreição de María – se baseia em um arquétipo completamente diferente: Cristo. Esta redenção acontece depois que sua alma – Sombra de María – perambula desconsolada por Buenos Aires. Durante a jornada, ela se depara com uma curiosa galeria de tipos formada por psicanalistas, marionetes bêbadas e pedreiros magos. É o próprio tango que morre e cuja sombra erra pela cidade. Não por acaso, três quadros da segunda parte – Miserere, Anunciación e Tangus Dei – fazem clara referência ao cristianismo.

A linguagem utilizada por Ferrer também merece destaque. Assim como as letras dos velhos tangos se caracterizavam pelo lunfardo – a gíria heteróclita surgida com a chegada dos imigrantes europeus, principalmente entre a classe trabalhadora, que logo ganhou o submundo e depois chegou à população em geral, tornando-se o modo portenho popular de falar –, Ferrer cria uma nova linguagem. Absorve a contribuição do lunfardo, mas a enriquece, modificando palavras para torná-las mais expressivas. O libretista faz o mesmo com termos do castelhano. São gestos que seguem as intenções da inovadora partitura de Piazzolla, cheia de influências das vanguardas musicais, e reforçam o desejo de renovação da linguagem do tango.











LIBRETO ORIGINAL HORACIO FERRER

TRADUÇÃO ALEXANDRE AGABITI FERNANDEZ

CLIQUE AQUI



ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

A história da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) se mistura com a da música orquestral em São Paulo, com participações memoráveis em eventos como a primeira Temporada Lírica Autônoma de São Paulo, com a soprano Bidu Sayão; a inauguração do Estádio do Pacaembu, em 1940; a reabertura do Theatro Municipal, em 1955, com a estreia da ópera *Pedro Malazarte*, regida pelo compositor Camargo Guarnieri; e a apresentação nos Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. Estiveram à frente da orquestra os maestros Arturo de Angelis, Zacharias Autuori, Edoardo Guarnieri, Lion Kaniefsky, Souza Lima, Eleazar de Carvalho, Armando Belardi e John Neschling. Roberto Minczuk é o atual regente titular e Alessandro Sangiorgi o regente assistente da OSM.

CORO LÍRICO

Formado por cantores que se apresentam regularmente como solistas nos principais teatros do país, o Coro Lírico Municipal de São Paulo atua nas montagens de óperas das temporadas do Theatro Municipal, em concertos com a Orquestra Sinfônica Municipal, com o Balé da Cidade e em apresentações próprias. O Coro Lírico teve como primeiro diretor o maestro Fidélio Finzi, que preparou o grupo para a estreia em *Turandot*, em 13 de junho de 1939. Recebeu o Prêmio de Melhor Conjunto Coral de 1996, pela APCA, e o Prêmio Carlos Gomes, em 1997, na categoria Ópera. O maestro Mário Zaccaro é o atual regente titular e Sergio Wernec é o regente assistente. Em 2019, o Coro Lírico celebrou 80 anos.



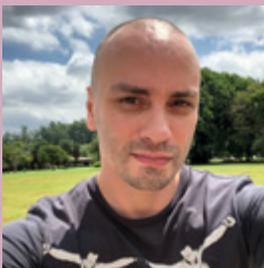
ROBERTO MINCZUK DIREÇÃO MUSICAL E REGÊNCIA

Natural de São Paulo, Roberto Minczuk fez sua estreia como solista no Theatro Municipal de São Paulo quando tinha apenas 10 anos, como trompista. Aos 13 anos, foi escolhido por Isaac Karabtshevsky como 1ª trompa da Orquestra Sinfônica Municipal e, depois disso, mudou-se para Nova York e se formou na Juilliard School of Music. Como solista, fez sua estreia no Carnegie Hall aos 17 anos. Aos 20, tornou-se membro da Orquestra Gewandhaus de Leipzig, na Alemanha. Como maestro, fez sua estreia internacional à frente da Filarmônica de Nova York, na qual, mais tarde, foi regente associado. Desde então, já regeu mais de cem orquestras internacionais. Foi diretor artístico do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, diretor artístico adjunto da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), diretor artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e maestro titular da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, sendo o primeiro artista a receber o Prêmio ConcertArte, de Ribeirão Preto. Venceu o Grammy Latino e foi indicado ao Grammy Americano com o álbum *Jobim Sinfônico*. Hoje, é maestro titular da Orquestra Sinfônica Municipal, maestro emérito da Orquestra Sinfônica Brasileira, da qual foi regente titular de 2005 a 2015, e maestro emérito da Orquestra Filarmônica de Calgary, no Canadá. Em 2019, completou 25 anos de carreira.



KIKO GOIFMAN CONCEPÇÃO E DIREÇÃO GERAL

Kiko Goifman é antropólogo pela UFMG e mestre em multimeios pela Unicamp. Dirigiu e produziu diversos longas, médias e curtas-metragens e programas de TV. É diretor dos longas *33* (seleção do Festival de Locarno, do Festival de Rotterdam e Melhor Roteiro do Cinema Paulista de 2004); *Atos dos Homens* (seleção do Festival de Berlim e Melhor Documentário no Festival 3 Continentes de 2006); *FilmeFobia* (seleção do Festival de Locarno e Grande Vencedor do Festival de Brasília de 2008); *Olhe pra Mim de Novo* (seleção do Festival de Berlim e Prêmio Especial do Festival do Rio de 2010); *Periscópio* (seleção dos festivais de Rotterdam, de Munique e do Rio) e *Bixa Travesty* (vencedor do Teddy Bear em Berlim, Prêmio de Público em Brasília, além de mais de 30 prêmios nacionais e internacionais). Kiko Goifman recebeu retrospectivas e homenagens no Festival de Tiradentes, Festival de Cinema de Tampere (Finlândia), Mostra do Audiovisual Paulista, Festival de Cinema Latino-Americano de Toulouse (França), Festival de Cinema Luso-Brasileiro de Santa Maria da Feira (Portugal), entre outros. Foi produtor-coordenador geral da série *Transando com Laerte*, no Canal Brasil, por quatro temporadas. Atualmente, dirige o programa *TransMissão*, no mesmo canal.



RONALDO ZERO DIREÇÃO CÊNICA

Com experiência em teatro, show, ópera, dança e musical, Ronaldo Zero atuou de 2013 a 2017 como diretor de palco residente do Theatro Municipal de São Paulo. Desde 2008, vem fazendo assistência de direção de espetáculos de dança como *Noé* (2008) e *Corpo Vivo* (2010), de Ivaldo Bertazzo. No teatro, foi assistente direção e diretor cênico da remontagem do espetáculo *Vermelho* (2012), com Antonio Fagundes, sob direção de Jorge Takla, com quem fez parceria também em títulos como *O Rei e Eu* (2010), *Evita* (2011), *Sonho de uma Noite de Verão* (2018), *The Rake's Progress* (2013), *Rigoletto* (2019), título apresentado nos teatros Municipal de São Paulo, Colón de Buenos Aires e Solis, de Montevideú. Em 2019, no teatro do Palácio das Artes, em Belo Horizonte, dirigiu a remontagem da ópera *La Traviata*. Como diretor de cena trabalhou com Gerald Thomas, em 2017, na peça *Dilúvio*, e com as companhias Balé da Cidade de São Paulo, São Paulo Companhia de Dança e La Fura Dels Baus.



ALESSANDRO SANGIORGI

REGÊNCIA

Nascido em Ferrara, na Itália, Alessandro Sangiorgi é formado em piano e especialista em composição e regência pelo Conservatório de Milão. No Brasil, iniciou seus trabalhos em 1990, no Theatro Municipal de São Paulo, como maestro assistente e maestro residente. Regeu renomadas orquestras brasileiras como: Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), Sinfônica da USP, Sinfônica da Bahia, Orquestra Experimental de Repertório, Sinfônica Municipal de Campinas, Sinfônica do Teatro da Paz, Sinfônica de Porto Alegre, Orquestra Petrobras Sinfônica e Camerata Antiqua de Curitiba. Foi regente convidado principal da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (1995 a 1998) e regente titular e diretor artístico da Orquestra Sinfônica do Paraná (2002 a 2010). Hoje é diretor artístico e maestro titular da Orquestra Sinfônica da Universidade Estadual de Londrina (Osuel) e regente assistente da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM).



CATALINA CUERVO

MARÍA

Mestre em música e ópera pela Roosevelt University em Chicago, EUA, a soprano colombiana Catalina Cuervo é conhecida por ter apresentado o maior número de interpretações da obra *María de Buenos Aires*, de Astor Piazzolla, na história da ópera – esteve no papel de María cerca de cem vezes em prestigiosas casas como a Florida Grand Opera, The Atlanta Opera, Cincinnati Opera e Syracuse Opera. Também se destacou como Frida Kahlo, na ópera *Frida*, em montagens no Michigan Opera Theater, em 2015; na Cincinnati Opera, em 2017; na Florida Grand Opera, em 2019; e na Anchorage Opera, no Alasca, em 2020. Foi nomeada pelo Ministério da Cultura da Colômbia uma das cinco sopranos colombianas de maior sucesso no mundo da ópera. Foi finalista no concurso internacional de canto alemão Neue Stimmen e venceu a divisão de Chicago do Classical Singer Magazine, concurso no qual foi finalista em Nova York. Em 2017, apresentou as obras de Manuel de Falla, *El Sombrero de Tres Picos*, com a Detroit Symphony Orchestra, e *El Amor Brujo*, com as orquestras New Mexico Philharmonic, The Atlanta Symphony e San Louis Symphony. Em 2018, se apresentou em importantes casas de ópera com renomadas orquestras como Eugene Opera, Alamo City Opera, Arizona Opera, New York City Opera e MUSE/IQUE Symphony Orchestra. Outros papéis recentes incluem Adriana, em *Los Gavilanes*, na Zarzuela; Hanna, na opereta *The Merry Widow*, na La Fundación Manzur, em Bogotá; e Musetta, em *La Bohème*, na La Fundación Prolírica, em Medellín. Além de cantora lírica, canta rock e metal sinfônicos, e é modelo e bailarina.



GUSTAVO FEULIEN

CANTOR

O barítono argentino-americano Gustavo Feulien tem se apresentado em concertos solo pelos Estados Unidos, combinando suas árias favoritas com o seu repertório de tango. Os papéis de assinatura de Gustavo nos Estados Unidos incluem Scarpia, em *Tosca*; Silvio, em *Pagliacci*; Marcello, em *La Bohème*; Sharpless, em *Madama Butterfly*; Conde di Luna, em *Il Trovatore*; Escamillo, em *Carmen*, o papel-título em *Don Giovanni* e o papel-título em *Rigoletto*. Fez sua estreia em ópera na Europa interpretando Belcore, em *L'Elisir d'Amore*, e Conde Almaviva, em *Le Nozze di Figaro*, como artista convidado regular do Theatre Bremen, na Alemanha. Sua carreira americana foi lançada com sua estreia no Carnegie Hall com o réquiem de Fauré e, nas últimas temporadas, estendeu seu repertório para incluir alguns novos papéis de assinatura russa, como o papel-título em Eugene Onegin, com o qual se apresentou em Nova York e em Tel Aviv; e Israel e Robert em *Iolanta*, de Tchaikovsky, também em Nova York. Estreou no Teatro Colón em Buenos Aires como barítono solista em *Carmina Burana*, além de ter atuado como Arauto, em *Lohengrin*, e participado da produção de *Don Giovanni*. Feulien também participou da estreia mundial da ópera moderna Fedra, de Mario Peruso, como Teramenes, e se apresentou no 100º aniversário da Festa de Gala do Teatro Colón. Com a Ópera de Puerto Rico, atuou como Malatesta, em *Don Pasquale*, Belcore, em *L'Elisir d'Amore*, e o Conde, em *La Leyenda del Beso*.



RODRIGO LOPEZ

DUENDE

Rodrigo Lopez é formado pela Escola de Arte Dramática (EAD/USP), tendo realizado parte de sua formação como aluno convidado no Institut del Teatre de Barcelona. Ator profissional há 20 anos, com atuações principalmente em teatro e televisão, entre os criadores e diretores com os quais trabalhou estão Gianni Ratto, Jorge Takla, Gerald Thomas, Mário Bortolotto, Fernando Bonassi, Alvisé Camozzi, Marcia Abujamra, Maria Adelaide Amaral, Dennis Carvalho, Jorge Fernando e André Pellenz. Entre seus trabalhos relevantes no teatro estão *Sonho de uma Noite de Verão*, de William Shakespeare, no Theatro São Pedro, em 2018; *O Feio*, de Marius Von Mayenburg, em 2012; *Travesties*, de Tom Stoppard, em 2010; *Seis Graus de Separação*, de John Guare, em 2009; *Carícias*, de Sergi Belbel, em 2006; e *Hotel Lancaster*, de Mário Bortolotto, em 2003. Na televisão, destacam-se as novelas *Alto Astral*, como Salvador Stigler, em 2015; *Sangue Bom*, como Vitinho Barata, em 2013; *Ti Ti*, como Chico, em 2010; *Beleza Pura*, como Betão, em 2008; *Éramos Seis*, como Alaor, em 1994; e participações especiais em *Malhação* (2006), *Sob Nova Direção* (2006), *Casos e Acasos* (2008) e *Macho Man* (2011).



DASPU

Betania Santos é prostituta, mãe de três filhas, ativista pelo direito das prostitutas há mais de 30 anos e, desde 2008, vem lutando, como coordenadora da Associação Mulheres Guerreiras na Zona Itatinga em Campinas – SP, por políticas públicas para a categoria. Integra o Coletivo Davida e, desde 2013, atua em parceria com a Daspu, realizando performances e intervenções em museus, espaços culturais, festivais, PutaDei, entre outras ações.

Dannyele Cavalcante tem 31 anos, mulher transexual, paraibana, atriz e poetisa. Trabalha desde 2017 como recepcionista no MASP-SP. Atua em parceria com a Daspu, desde 2016, participando de desfiles icônicos, um deles durante a exposição *Histórias das Mulheres, Histórias Feministas*, no MASP, em 2019, que ocupou as escadarias do térreo em meio a uma manifestação pró-Bolsonaro na Avenida Paulista.

Elaine Bortolanza é pesquisadora, ativista e produtora cultural. Diretora e produtora da Daspu, coletivo que desenvolve projetos e intervenções artísticas para dar visibilidade às questões relacionadas à sexualidade, prostituição, corpo e gênero. Atuou como cocuradora e produtora executiva do Boteco da Diversidade, uma iniciativa do Sesc Pompeia. É sócia administradora da Interzonas Produções, que atua em diferentes espaços de pesquisa e produção cultural com o intuito de borrar as fronteiras da arte e ativismos dialogando com as lutas contemporâneas, como as das prostitutas e das pessoas LGBTQI+.

Lua Negra grita a perspectiva de uma mulher trans marginalizada, desenvolvendo arte a partir de sua existência. É artista, atriz, performer, figurinista, curadora artística, produtora cultural e DJ nas horas vagas. Utiliza o próprio corpo e voz, nos palcos e na rua, buscando ressignificar a sua existência marginal dentro de uma causa artística e política. Segue resgatando espaços, se conectando com seus iguais, a fim de registrar suas realidades historicamente apagadas, através da arte.



BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

Grécia Catarina é artista e comunicadora. Integrando o Balé da Cidade de São Paulo como intérprete-criadora, dançou balés de Morena Nascimento, Ismael Ivo, Kim Jae Duck, Alessandro Pereira e Chris Haring. Trabalhou também com Andonis Foniadakis, Oscar Araiz, André Mesquita, Tindaro Silvano, Caio Nunes, Suely Machado, Miriam Pederneiras, Bettina Bellomo e Alex Dias. Graduada em dança pela UFMG, também é terapeuta holística, mestre em Reiki e facilita processos de autoconhecimento a partir do thetahealing, astrologia, tarô, meditação, ferramentas de constelações sistêmicas e dinâmicas corporais.

Uátilla Coutinho trabalhou com novelas e musicais em 2007. Integrou o projeto Sinfonia Ecológica Brasileira, em 2008, com direção de José Possi Neto e Juan Castiglione ao som da Orquestra Sinfônica de Campinas e Tetê Espíndola, com turnê pelo Pantanal e em Cuba. Em 2009, integrou a São Paulo Cia. de Dança, atuando com diversos professores e coreógrafos. Em 2010, ingressou no Grupo Corpo, dirigido por Rodrigo Pederneiras, com o qual viajou por mais de 30 países. Fez trabalhos solo como: *Traço*, de Cassi Abranches, e *Lilas*, com direção de Túlio Cássio. Atuou com a Cia. Deborah Colker por três anos e hoje faz parte do Balé da Cidade de São Paulo. Também é criador da drag Hellena Borgys, personagem que faz shows nas casas noturnas de São Paulo e pelo Brasil.

Yasser Alejandro nasceu em Cuba, onde iniciou seus estudos de dança na Escola Nacional de Ballet de Cuba, em Havana. Ingressou no Ballet Nacional de Cuba em 1995 e, no mesmo ano, migrou para o Centro Pró-Danza de Cuba, de Laura Alonso. Foi professor de balé clássico no Ballet Marly Zavar (SP) de 1996 a 2006 e, em 1997, fez parte do elenco do Ballet Stagium, onde dançou e ministrou aulas até o ano 2000. Desde 2001, integra o elenco do Balé da Cidade de São Paulo tendo dançado obras de nomes como Luis Arrieta, Mauro Bigonzetti, Ohad Naharin, Angelin Preljocaj, Itzik Galili, Rami Levi, Ismael Ivo, Morena Nascimento, Oscar Araiz, Victor Navarro, Gagik Ismailian, Sandro Borelli, Cayetano Soto, Andonis Foniadakis e André Mesquita.



SKYRUNNERS

Wallace Kyoskys é um artista circense formado pela Escola Nacional de Circo do Rio de Janeiro (ENC), em 2006. É especialista em Pró-Jumper, Skyrunner e Jumperstilts, desde 2006. Também é professor de circo, músico e ator. Trabalhou com os Parlapatões e Cia Pia Fraus, em São Paulo. Possui experiência internacional, tendo se apresentando na Arábia Saudita e na Suécia e Finlândia. Já passou por diversos programas de TV com suas acrobacias e já se apresentou com dezenas de grupos e companhias artísticas.

Robson Cruz é um artista circense formado pelo Circo Escola Picadeiro no ano de 2007, especializou-se em acrobacias de solo e trampolim acrobático, em 2012, com Angel Andricain. Artista integrante de grandes companhias circenses, em sua trajetória soma apresentações e espetáculos por diversos países como Arábia Saudita, Holanda e EUA. Participou do Espetáculo *Circo Turma da Mônica*, em 2018, além de ministrar aulas como arte-educador em grandes projetos Sociais em São Paulo, como nas Fábricas de Cultura.



LUIZA THESIN
PRODUÇÃO EXECUTIVA
E DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
DO FILME-CENÁRIO

Produtora e gestora cultural, pós-graduada em fundamentos da cultura e gestão em artes, Luiza Thesin construiu uma carreira que transpassa arte e cultura e as mais variadas linguagens. Em sua passagem pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, esteve na coordenação de eventos como a Virada Cultural e o Carnaval de Rua. Atuou na curadoria, planejamento e produção de outros eventos como o MAR – Museu de Arte de Rua, o SP na Rua e o Festival Mário de Andrade. Também esteve no planejamento do Vivo arte.mov – Festival Internacional de Arte em Mídias Móveis, realizado em diversas capitais do Brasil, que, na época, se tornou o programa de política cultural da Vivo S/A. No audiovisual, realizou pesquisa e produção para o programa *TransMissão*, apresentado por Jup do Bairro e Linn da Quebrada, no Canal Brasil.



CAETANO BRENKA
DIREÇÃO DE IMAGENS

Caetano Brenga trabalha desde 2008 com edição, correção de cor e finalização, tendo começado como assistente de edição na PaleoTV, produtora de Kiko Goifman, saindo de lá em 2016 como coordenador de ilha. Na PaleoTV, trabalhou em séries como *Transando com Laerte* (quatro temporadas, Canal Brasil), *Hiperreal* e *Estilhaços* (ambas SescTV) e +Direitos+Humanos (TV Brasil), além de longas como *Olhe pra Mim de Novo* (Festival de Berlim), *Periscópio* (Festival de Roterdã) e *A Destruição de Bernardet* (Festival de Locarno). Em 2016, montou com dois sócios a Vira-Lata Pós-Produções, onde atuou em séries como *Almanaque Brasil* (CineBrasilTV), *Planeta Startup* (Band) e *Transmissão* (três temporadas, Canal Brasil). Também editou trabalhos de relevância para internet como a série *Gerações* (para o canal Quebrando o Tabu), o documentário *Viva Nossa Voz* (em parceria entre Canal Brasil e Instagram), além de vídeos para o canal Manual do Mundo.



MARIANE NUNES

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA E CÂMERA

Mulher negra, 28 anos, nascida e criada na periferia da zona sul de São Paulo. Tem bacharelado no Curso Superior do Audiovisual da ECA/USP, com especialização em direção de fotografia. Atualmente, Mariane Nunes é membra associada da Associação de Profissionais do Audiovisual Negro (Apan) e colaboradora do DAFB – Coletivo de Mulheres e Pessoas Transgênero do Departamento de Fotografia do Brasil. Foi membra, por três anos, da gestão do Núcleo de Consciência Negra de São Paulo, exercendo atividades educacionais, promovendo atividades conjuntas com o movimento negro de São Paulo, atuando na elaboração do projeto de cotas raciais e sociais na USP e coordenando o Cursinho Popular NCN. Além disso, foi uma das mulheres negras fundadoras do coletivo de artes negras OPÁ Negra. Em suas produções audiovisuais e fotográficas, suas obras utilizam a imagem como matéria-prima para a expressão da representação e representatividade da população afrodiáspórica, valorizando sua multiplicidade, originalidade e tradição cultural. Os processos para as construções imagéticas e narrativas valem-se de abordagens técnicas, estéticas e simbólicas que contribuem para a construção de imaginários de uma sociedade antirracista e igualitária.



LIGIA CHAIM

DESIGN DE LUZ

Formada em tecnologia da produção do audiovisual pela Universidade FMU-FIAM, Ligia Chaim cursou a oficina de iluminação no Teatro da Vertigem, arte contemporânea no Instituto Tomie Ohtake e a oficina de cenografia no MAM. Participa, desde 2002, da iluminação de projetos cênicos de teatro, dança e música. Ministrou na oficina de iluminação no #FICAEMCASA, live em 2020, na oficina de iluminação cênica no Lab Mundo Pensante (2017 a 2019), no workshop de iluminação para produções cênicas no Sesc – São José dos Campos (2014) e na oficina de iluminação cênica na faculdade Belas Artes (2012). Foi a primeira mulher a participar do Concurso MA Light – MA 3D América Latina (2014). Fez a luz das lives de André Abujamra durante a pandemia, em 2020. Entre as concepções de luz em teatro estão *Meu Reino por um Cavalo*, da Cia. Vagalum Tum Tum (2020); *Heathers*, musical de Fernanda Schamma (2019); *Pequena Magdalena*, da Cia. de Copas (2018); *Matteo Perdeu o Emprego*, da Cia. dos Tios do Teatro (2018); *Utopia Árvore* (2016), *Simbad* (2014) e *Estudo sobre o Vento* (2013), do Coletivo de Ventiladores; *Ritornello*, solo de Claudio Carneiro (2013/2014); e *O Príncipe da Dinamarca*, da premiada Cia. Vagalum Tum (2011), indicada a Melhor Iluminação no Prêmio FEMSA.



ADRIANA VAZ PRODUÇÃO DE FIGURINO

Pós-doutora pelo Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP, doutora e mestre em comunicação e semiótica pela PUC-SP e bacharel em direito pela USP, onde cursou também filosofia, Adriana Vaz é designer de aparência de atores, diretora de arte, figurinista, cenógrafa, maquiadora e pesquisadora de semiótica. Dedicou-se, há 40 anos, a trabalhos e pesquisas de design de aparência de atores (figurinos, maquiagens, penteados e adereços) para teatro, dança, ópera, circo, cinema, vídeo e fotografia. Em sua tese, denominada *O design de aparência de atores e a comunicação em cena*, publicada pela Editora Senac/SP, desenvolveu conceitos para melhor investigar a linguagem que constrói a aparência cênica de atores e suas múltiplas interações com os receptores. É professora convidada da SP Escola de Teatro, da MT Escola de Teatro, da Academia de Artes Dramáticas de Estocolmo (SADA) e da Escola Superior Artística do Porto (Esap). Atualmente tem exercido a função de diretora de arte em projetos audiovisuais. No último ano, em colaboração com o grupo Os Satyros, realizou mais de uma dezena de trabalhos, entre eles *A Arte de Encarar o Medo*, peça especialmente criada para o ambiente digital que recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais e foi montada em três diferentes versões internacionais. Destaca-se a montagem mundial (*The Art of Facing Fear World United*) com artistas dos cinco continentes atuando juntos ao vivo.



TIÇA CAMARGO VISAGISMO

Mulher parda, visagista e caracterizadora há dez anos em teatro, TV e cinema, Tiça Camargo é especializada na produção de óperas e grandes espetáculos. De 2013 a 2015, assumiu as temporadas líricas do Theatro Municipal de São Paulo, onde, a partir de 2016, passou a ser visagista residente. Em 2017, realizou intercâmbio para o Teatro Colón (Argentina). No Theatro São Pedro, foi responsável pelo visagismo de *Sonho de uma Noite de Verão* (2018), direção do Jorge Takla, *La Clemenza di Tito* (2019), direção de Caetano Vilela, e *Alcina* (2017), direção de William Pereira. No Theatro Municipal, fez o visagismo de *Rigoletto* (2019), direção do Jorge Takla. Foi responsável pelos workshops de visagismo na Academia de Ópera do Theatro São Pedro e ministrou o curso *Maquiagem Artística para a Ópera* (2020), no XIX Festival de Ópera do Theatro da Paz. Em 2021, assinou o espetáculo *Transe*, de Clébio Oliveira, com o Balé da Cidade de São Paulo, e foi idealizadora e coordenadora de atividades no ciclo de debates *Os Invisíveis*, realizado pelo Coletivo Mandarin. Atua como representante da categoria dos artistas de criação no Fórum Brasileiro de Ópera, Dança e Música de Concerto (FODM) e é uma das idealizadoras do movimento Salve Coxia.

MARÍA DE BUENOS AIRES

DE ASTOR PIAZZOLLA

10 a 19 SETEMBRO 2021

Roberto Minczuk direção musical e regência

Kiko Goifman concepção e direção geral

Ronaldo Zero direção cênica

Solistas **Catalina Cuervo** cantora (María)

Gustavo Feulien cantor

Rodrigo Lopez narrador (Duende)

Alessandro Sangiorgi regência dias 15, 16 e 17

Bailarinos do Balé da Cidade de São Paulo

Grécia Catarina, Uátilla Coutinho e Yasser Alejandro

Participação Especial - DASPU

Betania Santos, Dannyele Cavalcante, Elaine Bortolanza e Lua Negra

Participação Especial - Skyrunners

Wallace Kyoskys e Robson Cruz

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

Regente Titular Roberto Minczuk

Regente Assistente Alessandro

Sangiorgi

Primeiros Violinos Pablo de León (spalla)*, Alejandro Aldana (spalla)*, Martin Tuksa, Adriano Mello, Edgar Leite, Fabian Figueiredo, Fábio Brucoli, Fernando Travassos, Francisco Krug, Heitor Fujinami, Liliana Chiriach, Paulo Calligopoulos e Rafael Bion Loro **Segundos Violinos** Andréa Campos*, Maria Fernanda Krug*, Roberto Faria Lopes, Wellington Rebouças, Alexandre Pinatto de Moura, André Luccas, Djavan Caetano, Evelyn Carmo, Fábio Chamma, Helena Piccazio, John Spindler, Mizaél da Silva Júnior, Oxana Dragos, Renato Marins Yokota, Ricardo Bem-Haja e Ugo Kageyama **Violas** Alexandre de León*, Silvio Catto*, Abrahão Saraiva, Adriana Schincariol, Bruno de Luna, Eduardo Cordeiro, Eric Schafer Licciardi, Jessica Wyatt, Lianna Dugan, Pedro Visockas, Roberta Marcinkowski e Thiago Vieira **Violoncelos** Mauro Brucoli*, Raiff Dantas Barreto*, Mariana Amaral, Moisés Ferreira, Alberto Kanji, Cristina Manescu, Joel de Souza e Teresa Catto **Contrabaixos** Brian Fountain*, Tais Gomes*, Adriano Costa Chaves, Sanderson Cortez Paz, André Teruo, Miguel Dombrowski, Vinicius Paranhos e Walter Müller **Flautas** Marcelo Barboza*, Renan Mendes*, Andrea Vilella, Cristina Poles e Jean Arthur Medeiros **Oboés** Alexandre Ficarelli*, Rodrigo Nagamori*, Marcos Mincov e Rodolfo Hatakeyama **Clarinetes** Camila Barrientos Ossio*, Tiago Francisco Naguel*, Diogo Maia Santos, Domingos Elias e Marta Vidigal **Fagotes** Matthew Taylor*, Marcos Fokin*, Facundo Cantero, Marcelo Toni e Renato Perez **Trompas** André Ficarelli*, Thiago Ariel*, Daniel Filho, Eric Gomes da Silva, Rafael Fróes, Rogério Martinez e Vagner Rebouças **Trompetes** Fernando Lopez*, Breno Fleury, Eduardo Madeira e Thiago Araújo **Trombones** Eduardo Machado*, Raphael Campos da Paixão**, Hugo Ksenhuk, Luiz Cruz e Marim Meira **Tuba** Luiz Serralheiro* **Harpas** Jennifer Campbell* e Paola Baron* **Piano** Cecília Moita* **Percussão** Marcelo Camargo*, César Simão, Magno Bissoli e Thiago Lamattina **Timpanos** Danilo Valle* e Márcia Fernandes* **Coordenadora Administrativa** Mariana Bonzanini **Inspetor** Carlos Nunes Auxiliares de Escritório Gabriel Cardoso Vieira e Priscila Campos / *Chefe de naipe ** Músico convidado

Participação Especial - Bandoneon

Milagros Caliva

Participação Especial - Guitarra

Chrystian Dozza

CORO LÍRICO MUNICIPAL

Regente Titular Mário Zaccaro

Regente Assistente Sérgio Werneck

Primeiros Sopranos Adriana Magalhães, Berenice Barreira, Caroline De Comi, Elizabeth Ratzersdorf, Graziela Sanchez, Laryssa Alvarazi, Ludmila de Carvalho, Marivone Caetano, Marta Mauler, Rita Marques, Rosana Barakat e Sandra Félix
Segundos Sopranos Angélica Feital, Antonieta Bastos, Cláudia Neves, Elaine Morais, Elayne Caser, Jacy Guarany, Juliana Starling, Márcia Costa, Milena Tarasiuk e Monique Rodrigues
Mezzo Sopranos Ana Carolina Sant'Anna, Carla Campinas, Cláudia Arcos, Heloisa Junqueira, Joyce Tripiciano, Juliana Valadares, Keila de Moraes, Lígia Monteiro, Marilu Figueiredo, Mônica Martins, Robertha Faury e Zuzu Belmonte
Contraltos Celeste Moraes, Clarice Rodrigues, Elaine Martorano, Lidia Schäffer, Magda Painno, Mara Alvarenga, Margarete Loureiro, Maria Favoinni e Vera Ritter
Primeiros Tenores Alexandre Bialecki, Antônio Carlos Britto, Dimas do Carmo, Eduardo Góes, Eduardo Trindade, Luciano Silveira, Mar Oliveira, Marcello Vannucci, Miguel Geraldi, Rubens Medina e Walter Fawcett
Segundos Tenores Alex Flores, Eduardo Pinho, Fernando de Castro, Gilmar Ayres, Luiz Doné, Paulo Chamié Queiroz, Renato Tenreiro, Rúben de Oliveira, Sérgio Sagica e Valter Estefano
Barítonos Alessandro Gismano, Daniel Lee, David Marcondes, Diógenes Gomes, Eduardo Paniza, Guilherme Rosa, Jang Ho Joo, Jessé Vieira, Marcio Marangon, Miguel Csuzlinovics, Roberto Fabel, Sandro Bodilon e Sebastião Teixeira
Baixos Ary Souza Lima, Cláudio Guimarães, Leonardo Pace, Marcos Carvalho, Orlando Marcos, Rafael Leoni, Rafael Thomas, Rogério Nunes e Sérgio Righini
Pianistas Marcos Aragoni e Marizilda Hein Ribeiro
Coordenadora Thais Vieira Gregório
Inspetor Bruno Farias
Auxiliar Flávia Campos

Design de Luz

Lígia Chaim

Figurino

Adriana Vaz, produção a partir de peças do acervo do Theatro e da DASPU
Leticia dos Anjos e Rogério Romualdo Pinto, assistentes

Visagismo

Tiça Camargo, visagista

Joyce Dantas de Araújo Freire, assistente

Arte do Piso

Luisa Almeida, arte

Carolina Carrasco, assistente

Workshop de Tango

Margareth Kardosh, preparadora

Rodrigo Lopez Ribeiro, assistente

Coach de Espanhol

Alexandre Agabiti Fernandez

Vídeo Mapping

Sociedade Amigos da Cultura

Conrado Massumi, Victor Rosa, Diego Arvate,

Leandro Ferreira, cinegrafistas

Ivan Vinagre, VJ

Sonorização - Tuka Som

Wellington Batista Ferreira e Fernando Miller, técnicos de som

Equipe Audiovisual (ao vivo) - Válvula Produções

Luiza Thesin, produção - Kiko Goifman

Caetano Brenga, direção de imagens

Mariane Nunes, direção de fotografia e câmera

Filme-Cenário - Válvula Produções

Ariel Bravo, assistente de fotografia e logger

Carol Di Monaco, bailarina

Cláudio Rogério dos Santos, segurança

Kleber Rodrigues da Silva, motorista

Luiza Thesin, produção executiva e direção de produção do filme-cenário

Pedro Goifman, ator
Regina Albano, assistente de produção
Simo Raucci, bailarino
Simone Souza, maquiadora

Imagens (Buenos Aires) - Entre-Imágenes

Federico Vicente, produtor executivo
Florencia Segura, bailarina
Juan Benitez Allassia, diretor criativo
Ramiro Cortez, bailarino
Valentín Rougier, cinegrafista

Estabelecimentos

Barbearia Genial (São Paulo), Cabaret da Cecília (São Paulo), Gruta Bar (São Paulo), Parrucchiere Cabeleireiros (São Paulo), Peluquería Tradicional Ricardo Stavrakis (Buenos Aires), Pulpería Quilapán (Buenos Aires), Sanata-Bar (Buenos Aires) e Terra Relojoeiro (São Paulo)

Imagens de Arquivo

Archivo General de la Nación

Agradecimentos

Alexandre de Mira, Auina Landi, Beatriz Cyrineo, Bel Shiozawa, Berta Goifman, Cecília Lara, Claudia Priscilla, Cristina Alves, Evelyn Mab, Fran Donatti, Gabriel Bitencourt, Guilherme Pedrosa de Campos Santos, Jorge La Ferla, Karen Cunha, Karen Kopitar, Lorene Gonçalves Soares, Maira Mainardi, Márcia Vaz, Mauricio Moraes, Priscilla Cukier, Rael Godoy, Regina Santos Mendes, Roberto Gambini, Taiwo Shiozawa, Tamara Ganhito e Victor Palomo

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Prefeito Ricardo Nunes

Secretário Municipal de Cultura Aline Torres

Secretária Adjunta Antonia Soares André de Souza

Chefe de Gabinete Danillo Nunes

FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Diretor Geral Interino Danillo Nunes

Direção de Gestão Letícia Schwarz

Direção Artística Bruno Imparato

Direção de Formação Ruby Vásquez Núñez

Produção Executiva Gisa Gabriel

COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Diretora Geral Andrea Caruso Saturnino

Secretária Executiva Valeria Kurji

Gerente Geral de Operações

e Finanças Eduardo Augusto Sena

Coordenadora de Programação Elisa Maria Americano Saintive **Equipe de Programação** Guilherme Galdino Borges e Isabela Pulfer **Gerente da Musicoteca** Maria Elisa Pasqualini (Milly) **Equipe da Musicoteca** Cassio Mendes Antas, Jonatas Ribeiro, Karen Feldman, Milton Tadashi Nakamoto, Roberto Dorigatti, Rodrigo Padovan Grassmann Ferreira e Thiago Ribeiro Francisco **Pianista** **Correpetidor** Anderson Brenner

Gerente de Produção

Regiane Miciano

Equipe de Produção Ernandes Neres Dias Bottosso, Felipe Costa, Jonathan Boettcher de Paula, Luiz Alex Tasso, Maira Scarello, Mariana Perin, Marina da Costa Jurado, Nathália Costa, Rosa Casalli, Rosana Taketomi, Rosangela Reis Longhi, Suzana dos Santos Barbosa e Yara Cristina Ferrauto

Gerente de Formação, Acervo e Memória

Ana Lucia Lopes

Coordenadora de Educação Adriane Bertini Silva *Equipe de Educação* Dayana Correa da Cunha, Igor Antunes Silva, Luciana de Souza Bernardo, Luiz Augusto Soares Pereira da Silva, Mateus Masakichi Yamaguchi e Renata Raissa Pirra Garducci **Coordenador de Acervo e Pesquisa** Rafael Domingos Oliveira da Silva **Equipe Acervo e Pesquisa** Guilherme Lopes Vieira, Rafael de Araujo Oliveira

Diretor Técnico de Palco

Sérgio Ferreira

Coordenador de Palco Gabriel Barone Ramos **Equipe Técnica e Administrativa de Palco** Adalberto Alves de Souza, Bruno Lopes Siqueira dos Santos, Diogo de Paula Ribeiro, Helen Ferla Lopes, Jonas Pereira Soares, Jose Hilton de Oliveira Junior, Luiz Carlos Lemes e Sônia Ruberti **Gestor de Cenotécnica** Anibal Marques (Pelé) **Chefes de Maquinário** Carlos Roberto Ávila, Marcelo Luiz Frosino e Paulo Miguel de Sousa Filho **Equipe de Maquinário** Alex Sandro Nunes Pinheiro, Bruno Vieira Dias, Edilson da Silva Quina, Ermelindo Terribele Sobrinho, Everton Davida Candido, Igor Mota Paula, Ivaldo Bezerra Lopes, Jalmir Amorim da Conceição, Jaqueline Alves Santana, Manuel Lucas de Sousa Conceição, Odilon dos Santos Motta, Paulo Henrique São Bento, Paulo Mafrense de Sousa, Peter Silva Mendes de Oliveira e Ronaldo Batista dos Santos **Equipe de Contrarregragem** Alessander de Oliveira Rodrigues, Amanda Tolentino de Araújo, Edival Dias, Matheus Alves Tomê, Sandra Satomi Yamamoto, Sérgio Augusto de Souza, Thauana Garcia Renardi e Vitor Siqueira Pedro **Montadores** Alexandre Greganyck, Ivo Barreto de Souza, Nizinho Deivid Zopelaro, Pedro Paulo Barreto, Rafael de Sá de Nardi Veloso e Renato de Freitas Pereira **Sonorização** André Moro Silva, André Vitor de Andrade, Daniel Botelho, Edgar Caetano dos Santos, Emiliano Brescacin, Leandro dos Santos Lima e Robson de Moura Barros **Equipe de Iluminação** André de Oliveira Mutton, Fernando Miranda Azambuja, Guilherme Furtado Mantelatto, Igor Augusto Ferreira de Oliveira, Olavo Cadorini Cardoso, Sibila Gomes dos Santos, Stella Politti, Sueli Matsuzaki, Tatiane Fátima Müller, Ubiratan da Silva Nunes e Wellington Cardoso Silva

Equipe de Figurino Maria de Fátima, Suely Guimarães e Walamis Santos

Camareiras Antônia Cardoso Fonseca, Katia Souza, Lindinalva Margarida Celestino Cicero, Maria Aparecida de Mello, Maria Auxiliadora, Maria Gabriel Martins e Regiane Bierrenbach **Costureiras** Alzira Campiolo, Geralda Cristina França da Conceição e Isabel Rodrigues Martins

Coordenador de Comunicação Alexandre Felix **Equipe de Comunicação** Anna Vitoria Oliveira Fernandes, Beatriz de Castro Ramos, Estevan Pelli, Isabela Fantini Guasco, Larissa Lima da Paz, Luis Henrique Santos de Souza, Rafael Souza Gomes Bernardo e Stig Lavor **Gerente de Planejamento e Projetos** Ana Paula Godoy **Equipe de Planejamento e Projetos** Anita de Souza Lazarim, Alexandre Ferreira Xavier, Douglas Herval Ponso, Esdras dos Santos Silva, Milena Lorana da Cruz Santos e Rafael de Araujo Oliveira

Gerente de Infraestrutura e

Patrimônio Beatriz Helena Vicino dos Santos

Coordenador de Operações Mauricio Souza da Silva **Coordenador de TI**

Thaynan Wesley Trindade Vasconcelos **Coordenador de Manutenção** Stefan Salej Gome **Equipe de Infraestrutura e Patrimônio** Bárbara Morais Affonso, Carolina Ricardo, Fernanda do Val Amorim, João Pedro de Goes Moura, Jonathas Rodrigues de Oliveira, Leticia de Moura, Mateus Costa do Nascimento, Monica Aparecida da Silva, Pamela Marques dos Santos Silva, Rosimeire Ribeiro Gomes e Yudji Alessander Otta

Coordenadora de Relações Institucionais Adriana Marto Braz **Equipe de Parcerias e Negócios** Giovanna Campelo, Tais dos Santos Silva e Suzana dos Santos Barbosa **Equipe de Atendimento ao Público** Erick de Souza Rodrigues, Kleber Roldan de Araujo, Monica de Souza, Rosimeire Pontes Carvalho, Thiago da Silva Reis, Vitoria Terlesqui de Paula e Walmir Silva do Nascimento **Equipe da Bilheteria** Claudiana de Melo Sousa, Jorge Rodrigo dos Santos e Maria do Socorro Lima da Silva

Coordenadora Financeira Maria Eugênia Melo de Carvalho **Equipe de Finanças e Controladoria** Aline de Andrade Nepomuceno Barbosa, Jéssica Brito Oliveira, João Vithor Alves Feitosa Pianco e Marcio Shoiti Ito **Equipe de Almoxarifado** Raimundo Nonato Bezerra **Coordenador de Compras** Fernando Marques Arão **Equipe de Compras** Leandro Ribeiro Cunha, Raphael Teixeira Lemos, Roberto Takao Honda Stancati e Thauana Moura Santos **Coordenadora de Contratos** Carolina Chammas Narchi **Equipe de Contratos e Jurídico** Aline Rocha do Carmo e Daiana da Silva Basto **Coordenadora de Recursos Humanos** Renata Aparecida Barbosa de Sousa **Equipe de Recursos Humanos** Filipe Maluf de Carvalho, Marlene Bahia dos Santos e Monik Silva Negreiros

Aprendizes Alice Barbosa de Assis, Beatriz Alves de Negreiros, Bruna Celerino de Medeiros, Endely Giglio Totolo, Evelyn de Souza Candido, Igor Henrique Almeida da Silva, Kedma Encinas Almeida, Matheus Bastian Moraes, Pablo Galdino Picoloto, Rhuan Lima de Souza Cavalcante, Romário de Oliveira Santos, Thamirys Guimarães da Silva, Vitoria Fernanda do Carmo Leite, Wayne Lourayne Costa de Souza e Yara Maria da Silva

EXPEDIENTE DA PUBLICAÇÃO

Fotos Ariel Bravo e Stig de Lavor

Assistente de Fotografia Larissa Paz

Projeto Gráfico e Design Gustavo Piqueira e Samia Jacintho / Casa Rex

Edição de Conteúdo Equipe de Comunicação do Theatro Municipal

